

Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados
Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca
<http://bd.camara.gov.br>

"Dissemina os documentos digitais de interesse da atividade legislativa e da sociedade."

Aquecimento global: George Leuzinger e um alerta fotográfico

Quando o suíço George Leuzinger fotografou a carvoaria do Palatinato Superior, em Petrópolis, na província do Rio de Janeiro, em torno de 1865, inaugurou a fotografia ecológica no Brasil.

Poucos anos antes, em 1859, o francês Victor Frond ali estivera, registrando o que ele chamou de Rideau de Fôret Vierge (cortina de mata virgem), exaltando a compacta vegetação típica da Mata Atlântica. Essa imagem foi reproduzida no livro *Brasil Pitoresco*, feito em parceria com o escritor Charles Ribeyrolles, que comentou entusiasmado: “Aí encontrareis as frescuras e as sombras da alvorada, escutareis os murmúrios da floresta, que tem, como a torrente, as suas vozes”.

Em apenas cinco ou seis anos esses murmúrios haviam se transformado em sussurros, em lamentos sufocados pelo chiado da madeira queimada para virar carvão, num desatino suicida que se perpetua até hoje em todo o território nacional. No exato momento em que escrevo tenho diante de mim o jornal que informa: “Operação flagra carvoaria ilegal em Rio Bonito”. Uma vitória da Coordenadoria Integrada de Combate aos Crimes Ambientais e da Secretaria Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro, mas com a ressonância de uma pregação do deserto num país desde sempre empenhado em destruir seu formidável patrimônio natural. Com efeito, quando Leuzinger registrou a carvoaria do Palatinato Superior já existia entre a parcela mais esclarecida da sociedade brasileira a consciência dos problemas decorrentes do desmatamento excessivo. Tanto que no início daquela mesma década de 1860, o imperador Pedro II já havia deflagrado o primeiro grande projeto de reflorestamento nacional e um dos primeiros em todo o mundo.

Foi em 1861 que, preocupado com o esgotamento dos mananciais que abasteciam de água a cidade do Rio de Janeiro, Dom Pedro II encarregou o major Gomes Archer de reflorestar a Floresta da Tijuca, grandemente devastada pelo plantio do café. Nos treze anos seguintes Archer conseguiu plantar mais de cem mil árvores, sendo sucedido em 1874 pelo

*1 Pedro Karp Vasquez, escritor e fotógrafo, mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense.



Carvoaria no Palatinato Superior. Petrópolis. George Leuzinger. Coleção Museu Imperial. 1865.

barão Gastão d'Escragnolle que, até o advento da República, plantou outras 30 mil. Graças ao esforço conjunto destes três visionários, e de seus poucos colaboradores, a cidade do Rio de Janeiro pode se ufanar de ter hoje “a maior floresta urbana do mundo”. Caso contrário teria no local apenas mais um conjunto de favelas ou “comunidades”, eufemismo que em nada melhora a qualidade de vida de seus habitantes.

Existe sempre o risco de atribuímos a autores do século XIX intenções ou preocupações atuais, desvirtuando ou falseando suas intenções primeiras. Todavia, no caso de Leuzinger existem documentos textuais comprobatórios de sua preocupação com a natureza. Um deles é o testemunho do célebre naturalista Louis Agassiz — naturalizado norte-americano, mas compatriota de Leuzinger por nascimento —, que percorreu o Brasil em viagem científica, durante os anos de 1865 e 1866. Nesta ocasião, Agassiz contou com os préstimos de Leuzinger, reconhecendo sua colaboração no seguinte comentário: “As belas vistas fotográficas de Leuzinger, tiradas do alto do Corcovado, bem como as de Petrópolis, da serra dos Órgãos e de todas as redondezas do Rio, se acham, atualmente à venda nas lojas das grandes cidades. Sinto-me feliz em dar a conhecer esse fato, pois recebi do Sr. Leuzinger a mais solícita assistência na ilustração das minhas investigações científicas”. Tendo em vista sua convivência com Agassiz, é possível se afirmar que Leuzinger não era um ingênuo ao fotografar a natureza e sim um observador arguto e sensível que empregava a técnica em benefício da afirmação de uma determinada postura crítica.

Leuzinger chegou à cidade do Rio de Janeiro em 31 de dezembro de 1832, aos 19 anos de idade, estabelecendo-se como comerciante independente em 1840 com a empresa tipográfica Ao Livro Encarnado, depois conhecida como Casa Leuzinger. Relata Ernesto Senna em *O Velho Commercio do Rio de Janeiro*, que: “Em 1865 montou então George Leuzinger um completo ateliê fotográfico, com todos os aparelhos necessários para viagens pelo interior do Brasil, tendo para este fim contratado um habilíssimo artista fotógrafo para dirigi-lo, que em companhia de vários auxiliares fizeram excursões por esta capital, Petrópolis, Teresópolis, etc., tirando fotografias de tudo o que se encontra na pujante natureza daquelas belíssimas regiões”. Lembrando adiante: “Para a Exposição de Paris em 1867, enviou George Leuzinger quatro panoramas em fotografia, de mais de um metro de comprimento, que mereceram honroso prêmio e que depois foram reproduzidos em fotogravura pela Casa Goupil, de Paris, com geral aceitação” Leuzinger foi, assim, dos primeiros a empregar a fotografia para celebrar as belezas da paisagem e das cidades brasileiras, difundindo-as por intermédio de seu estabelecimento não só no Brasil como também no exterior. Sendo importante ressaltar que sua participação na Exposição Universal de Paris foi das primeiras participações de fotógrafos aqui nascidos ou radicados, assim como uma das primeiras vezes que o Brasil obteve premiação num certame desta natureza.

George Leuzinger amava genuinamente o Brasil e aqui se aclimatou de tal forma que retornou apenas uma única vez ao seu país de origem. Considerou a experiência tão insatisfatória que não mais a repetiu, permanecendo na cidade do Rio de Janeiro até sua morte, ocorrida em 24 de outubro de 1892, aos 79 anos de idade.

Assim como fez Agassiz, Ernesto Senna oferece testemunho do amor de Leuzinger pela natureza: “Amava o velho Leuzinger os esplendores da natureza. O hábito dessa contemplação

que adquirira em sua pátria, toda montanhosa, não o perdeu no Brasil enquanto as forças o permitiram. É assim que conhecia todos os recantos das montanhas desta capital e do estado do Rio, tendo-as escalado a pé, nos seus dias de lazer, extasiando-se diante da pujança da natureza brasileira que sempre com tanto entusiasmo exaltava”. Ou seja: Leuzinger foi um destes estrangeiros que amaram o Brasil com muito mais ardor que os próprios brasileiros, filhos ingratos da “mãe gentil”, que costumam dar às costas ao próprio país para se embasbacar com as quinquilharias inúteis que o Hemisfério norte nos oferece em troca de nossas riquezas naturais e de nossa dignidade pátria. Infelizmente seu alerta foi ignorado, e, conforme sua fotografia prenunciava, o entorno da “cidade imperial” foi amplamente desmatado e, posteriormente, favelizado, ao passo que a própria cidade perdeu seu esplendor do tempo de Dom Pedro II, passando a conhecer a pobreza e a violência.

Contemplando essa impressionante fotografia de George Leuzinger, lembrei-me da seguinte historieta de Mullá Nasrudin:

Um homem herdou uma grande fortuna, mas, em pouco tempo, dissipou seu patrimônio de uma tal maneira, que não lhe restou um centavo sequer. Sem saber o que fazer, foi queixar-se a Nasrudin.

– Mullá, estou numa situação terrível – disse – estou a ponto de ter que pedir esmolas para sobreviver. Que faço? Qual é o remédio?

Nasrudin refletiu por um instante e respondeu.

– Não se preocupe, suas aflições terminarão em breve.

O perdulário entusiasmou-se:

– Como? Acaso voltarei a ser rico?

– Não, não. – respondeu o Mullá – Você se acostumará a ser pobre.

Esta bela história, intitulada O remédio, foi escrita pelo sábio sufi Khawajah Nasr Al-Din no século XIV, mas adquire doloroso sentido de atualidade se nos imaginarmos no lugar do perdulário em questão. Nós também recebemos um grande bem, o maior de todos, o planeta Terra, e o dissipamos de forma tão irresponsável que só pode ser qualificada de criminosa. E agora, que o Apocalipse parece deixar de ser uma peça de ficção religiosa para se transformar numa realidade palpável, começamos enfim a nos lamentar e a ansiar por aquilo mesmo que destruimos insensatamente. E, assim como na parábola de Nasrudin, só nos resta adquirir o hábito da pobreza, pois nenhuma força humana ou sobrenatural será capaz de trazer de volta todos os espécimes animais e vegetais que destruimos, como tampouco será capaz de recuperar as regiões que devastamos ou contaminamos.

O que se foi se foi, e agora só nos resta chorar e nos conformar com a perda. De fato, só nos resta aprender a sermos pobres. Mas, pelo menos, podemos tentar adquirir na pobreza a sabedoria que a fartura não nos deu, podemos aprender a não destruir e a preservar o que nos resta, enquanto ainda resta algo.

Qualquer observador desapaixonado e lúcido é obrigado a concluir hoje que a humanidade não merece viver, já que é a única verdadeira doença e a única causa de todos os males que acometem a Terra, de modo que esta deveria encontrar um meio de se livrar o mais

rapidamente possível de nós. Sim, pois a única chance de regeneração total da Terra passa necessariamente pelo extermínio da humanidade, predadora do planeta e predadora de si mesmo. Para se salvar a Terra tem que nos eliminar.

Sendo raros os observadores desapaixonados, poucos serão capazes de admitir tal verdade, no entanto, lógica e irrefutável. Isso porque o ser humano tende a ser fraco, egoísta e covarde, preocupando-se apenas com a própria preservação. O problema é que nossa preservação passa inapelavelmente pela preservação do planeta, de modo que não há mais tempo para tergiversar nem para adiar a mudança de mentalidade capaz de nos salvar. A humanidade pensa em si mesma como o centro do Universo e o ápice da vida animal, mas pouco fez para justificar tal condição. Provamos apenas que somos insaciáveis predadores e, por sinal, o único predador que ataca a própria espécie...

Nossa salvação depende de uma mudança de condição: precisamos passar de predadores a meros parasitas. Pouco ou nada fizemos até agora para beneficiar ou retribuir a Terra que nos dá substância, alimento e abrigo. Mas, felizmente, vozes lúcidas se elevam em todas as partes para tentar reverter este estado de coisas enquanto ainda resta esperança, uma esperança que se faz mais tênue a cada segundo que passa, enquanto as florestas ardem em chamas, as calotas polares se derretem, a desertificação avança em todos os continentes e os seres humanos empregam os bilhões que poderiam erradicar a fome do planeta matando-se uns aos outros. A transformação de predador em parasita é inadiável e, apesar da conotação pejorativa que este último termo costuma ter, esta transformação é, sob todos os pontos de vista, desejável e benéfica. Nem todos os parasitas são nefastos. Existem os parasitas que são apenas dependentes, mas que retribuem de alguma forma aos seus hospedeiros, como essas aves que vivem empoleiradas nos rinocerontes alimentando-se dos insetos que os perturbam, em particular as carraças. Por falar em rinoceronte, vale lembrar que ele figura na Lista de Espécies Ameaçadas da IUCN (International Union for the Conservation of Nature), e que seu extermínio é uma das mais eloqüentes provas do egoísmo e da imbecilidade humana: são abatidos apenas para usar os chifres, considerados afrodisíacos. Pode existir razão mais fútil para se matar um animal de mais de três toneladas e meia?

Nem tudo está perdido, pois o ser humano tem a faculdade de aprender com os próprios erros e certamente saberá se transformar num “parasita do Bem” para o planeta Terra, dele extraíndo seu sustento, mas retribuindo com a correção dos malefícios feitos até agora. Diversos são os caminhos, mas, acima e ao lado de todos deve figurar sempre a desaceleração. O ser humano parece tomado hoje por aquilo que pode ser qualificado de “síndrome de Telma e Louise”: acelerar à toda rumo ao abismo. Queremos sempre ir mais e mais rápido, mesmo sem saber para onde vamos e, na melhor das hipóteses, nos assemelhamos aos corretores dos circuitos ovais de Fórmula Indy, acelerando loucamente para não chegar a parte alguma, passando e repassando continuamente sobre o mesmo ponto. O problema é que ao fim de nossa insana corrida não nos espera o milhão e meio de dólares nem a garrafa de leite com que são brindados os vencedores das 500 Milhas de Indianápolis. Ao fim de nossa corrida coletiva só nos aguarda o abismo de Telma e Louise, crescendo assustadoramente diante do quadro delimitado pelo pára-brisas. No entanto, ainda há tempo para se dar um cavalo-de-pau e retomar o rumo de uma vida plena de significado e de felicidade. Prova disto

é o movimento Cittaslow, deflagrado na Itália por Paolo Saturnini para congregar cidades com um máximo 50 mil habitantes que renunciaram voluntária e firmemente aos ilusórios ideais de “progresso” e “crescimento” em prol de uma concreta qualidade de vida.

Somos o quinto maior país do mundo em dimensão territorial, de modo que ainda nos é autorizada certa esperança. Mas para tanto é preciso que abandonemos os modelos até hoje adotados, renunciando à cópia irrefletida e automática de paradigmas ultrapassados para elaborar um novo modelo, original, autônomo e tropical, capaz de conciliar bem-estar material com felicidade pessoal e realização espiritual, o modelo de uma nova ordem baseada numa nova concepção de progresso. Um modelo tupiniquim e cosmopolita, inclusivo e pluralista, independente e moderno o bastante para ser capaz de incorporar o passado para pavimentar a estrada para o futuro.

Nós também recebemos um grande bem, o maior de todos, o planeta Terra, e o dissipamos de forma tão irresponsável que só pode ser qualificada de criminosa.

Voltando ao âmbito da imagem fixa, um belo exemplo está sendo dado pelo casal Lélia e Sebastião Salgado em Aimorés, Minas Gerais. O casal, que sempre esteve envolvido em iniciativas humanitárias e preservacionistas, adquiriu a antiga e depauperada fazenda pertencente ao pai do fotógrafo, a Fazenda Bulcão, e ali implantou um projeto exemplar do Instituto Terra. Uma espécie de fazenda de ar e água, onde o que se cultiva é oxigênio, num projeto de reflorestamento da Mata Atlântica que, desde 1999, já replantou 1 milhão de árvores em 650 hectares, sendo registrado como Reserva Particular do Patrimônio Natural. Um projeto que semeia bom-senso, dignidade, cidadania, patriotismo, esperança, respeito ao ser humano e à natureza, para colher um futuro melhor não só para os habitantes de Aimorés como para todos os demais seres humanos e para o planeta Terra. De tal forma que a melhor fotografia de Sebastião Salgado não sairá de suas câmaras, será aquela que alguém fará quando ele já não mais estiver entre nós, quando a Fazenda Bulcão tiver recuperado o aspecto primitivo da Mata Atlântica.

Notas

1 Palatinato Superior era um dos onze bairros constantes da planta original de Petrópolis, tal como definida pelo major Júlio Koeler em 1846, e da qual constavam também duas vilas: Imperial e Teresa.

2 RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco*. Belo Horizonte & São Paulo: Editora Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 282. Sendo que a imagem em questão está reproduzida na página 111 do mesmo 1º volume.

3 BRAGA, Ronaldo. “Operação flagra carvoaria ilegal em Rio Bonito, Envolvidos estavam derrubando áreas de Mata Atlântica”. Rio de Janeiro: O Globo, 1º de novembro de 2007, p. 24.

4 AGASSIZ, Op. Cit., p. 57.

5 SENNA, Ernesto. *O Velho Commercio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier Irmãos, s/d, pp. 68/69. [Obs: a grafia foi atualizada]

6 SENNA, Op. Cit., p. 73.

7 KHAWAJAH, Nasr Al-Din. *Histórias de Nasrudin*. São Paulo: Edições Dervish, 1994, p. 62.

8 LEITÃO, Miriam. “A floresta nova de Sebastião Salgado e Lélia. Comandado pelo fotógrafo e sua mulher, Instituto terra já plantou 1 milhão de árvores”. Rio de Janeiro: O Globo, 12 de agosto de 2007, pp. 34/35.